

FHC considera polêmica de Krugman encerrada

Porta-voz diz que não vê razões para o episódio prejudicar a aprovação de Fraga pelo Senado

TÂNIA MONTEIRO

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso disse ontem, por intermédio de seu porta-voz, Sérgio Amaral, que considera encerrado o caso das insinuações do economista Paul Krugman sobre o presidente indicado do Banco Central, Armínio Fraga Neto, de que teria passado informações privilegiadas ao megaspeculador George Soros, ex-patrão de Fraga.

“O próprio Krugman desmentiu cabalmente as declarações”, disse amaral. “Se alguém saiu chamuscado por essas declarações, não foi o governo (brasileiro) e sim quem as fez.”

Sérgio Amaral disse, ainda, que não vê razões para o episódio prejudicar a aprovação, pelo Senado, do nome de Armínio Fraga Neto para o cargo de presidente do Banco Central (BC).

A uma pergunta sobre a possibilidade de o governo brasileiro vir a processar o economista Paul Krugman, o porta-voz do presidente afirmou: “Se alguém considerar-se prejudicado, como Armínio Fraga, e quiser tomar uma atitude, seria uma decisão dele próprio.”

Mercado – O pedido de desculpas do economista norte-americano Paul Krugman, professor, entre outros, do Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT, na sigla em inglês), a Armínio Fraga parecem ter sido aceitas também pelo mercado financeiro.

Os operadores acreditam que a inabilidade de Paul Krugman não provocará nervosismo, já que ele próprio admitiu publicamente não ter nenhuma prova de suas acusações.

Munição – O episódio da suspeita fornece munição aos senadores de oposição, que rejeitam o nome de Fraga Neto para a presidência do BC. Mas, por enquanto, isso não assusta o mercado. Para os operadores, qualquer

desdobramento do fato, se houver, virá na próxima semana, quando ocorre a sabatina de Fraga no Senado.

ECONOMISTA
DEU NOVA
EXPLICAÇÕES
NA INTERNET

Explicações – O economista Paul Krugman divulgou ontem, em

sua página pessoal na Internet mais uma explicação para divulgar as informações. (Leia ao lado a íntegra da nota de Krugman)

■ **Correção** – Ao contrário do que foi publicado ontem no Estado, o texto de Paul Krugman dizia que “as políticas irresponsáveis mencionadas nos rumores não poderiam de fato estar sendo praticadas”, referindo-se a operações realizadas por George Soros com informações privilegiadas. O texto publicado ontem, incorretamente, dava a entender que essas operações foram feitas, o que não corresponde à verdade.

ÍNTegra

O que me fascina agora, após uma semana terrível, é quão inadvertidamente e distraidamente eu cometi um dos maiores erros da minha vida.

Eis aqui o que aconteceu. No dia 3 de fevereiro eu entreguei minha coluna na (revista eletrônica) Slate e, obviamente, tinha de ser sobre o Brasil. Eu escrevi um artigo basicamente analítico, focalizado na lógica circular da crise. Nos dois dias anteriores eu havia recebido alguns e-mails sobre movimentos no mercado e incluí um comentário lateral a respeito do que eu havia ouvido. Eu enviei o artigo sem pensar que pudesse ter escrito algo discutível. De fato, se eu tivesse ficado preocupado com o artigo – que seria publicado uma semana depois – minha única preocupação seria sobre quão tedioso ele seria, principalmente por causa da repetição de várias coisas que eu já havia dito anteriormente.

Isso parece incrivelmente estúpido e foi mesmo. Eu tento ser coloquial em meus textos e havia incluído algum material que uma pessoa poderia ter mencionado durante uma pausa para o café. De alguma forma, não me ocorreu que num artigo distribuído globalmente pela Internet os padrões devem ser diferentes.

Eu já escrevi colunas provocativas no passado e vou continuar fazendo isso no futuro. Mas este caso foi diferente. Eu esperava pouca ou nenhuma reação.

Então, veio a explosão do Brasil.

Está claro agora que eu esqueci uma regra básica: embora eu encare meus textos como um tipo de conversação entre eu e meus leitores, há regras de cuidado jornalístico que devem ser aplicadas. Normalmente, isso não seria um problema, porque eu não sou um reporter. O que produzo é uma análise de fatos publicamente disponíveis, não jornalismo investigativo. Eu estou tão acostumado a simplesmente dizer o que tenho em mente – e me orgulho por minha disposição em dizer coisas que ninguém mais diria – que nem percebi que tinha ido além dos limites. Não vou baixar o tom dos meus textos: não vou hesitar em dizer o que acredito se verdade, mesmo que seja doloroso para algumas pessoas. Mas nunca vou passar dos limites de novo.